

Mário Chamie: o poeta em busca de novas formas de comunicação

Adilson Citelli

Professor titular do Departamento de Comunicações e Artes da ECA/USP, onde ministra cursos de graduação e pós-graduação. Orienta dissertações e teses nas áreas de Comunicação e Linguagem, com ênfase nas subáreas Comunicação/Educação, Comunicação/Linguagem. É coeditor da revista Comunicação & Educação, bem como pesquisador 1 C do CNPq e autor de inúmeros artigos e livros, dentre os quais se destacam: Linguagem e Persuasão (Ática, 1994); Comunicação e Educação: a linguagem em movimento (Senac, 2000); Palavras, meios de comunicação e educação (Cortez, 2006).

“Sou Chamie, Mário,
franco-egípcio é o meu passado.”

O poeta, crítico, ensaísta e professor Mário Chamie nasceu no dia 1º de abril de 1933, na cidade de Cajobi, interior do Estado de São Paulo, e morreu em 3 de julho de 2011, na capital paulista. Ainda jovem, em 1948, veio para São Paulo para trabalhar como *office boy* e prosseguir nos estudos, que incluíram o curso clássico no Colégio Roosevelt e a Faculdade de Direito no Largo do São Francisco, concluída em 1956. Em 1994 defendeu o doutorado em Literatura na UFRJ.

A obra poética de Mário Chamie é vasta, com 13 livros publicados entre 1955 e 2002. Os seus textos estão traduzidos em 12 idiomas. Vinculado nos primeiros anos de sua produção literária aos concretistas, deles se afasta em 1961, por pretender maior engajamento da poesia nos temas sociais e políticos. Essa divergência foi traduzida por Mário Chamie na criação do movimento conhecido como Poesia Práxis (Instauração Práxis). Daí decorreu o livro *Lavra Lavra*, de 1962, com o qual ganhou o prêmio Jabuti de poesia. Acerca da Poesia Práxis, assim se manifesta o autor em entrevista dada ao Projeto Memória Oral, da Biblioteca Mário de Andrade¹: “Práxis: fazer e refazer constantemente as coisas, os signos, as pessoas, as emoções, os sentimentos, as palavras, em busca de novos, surpreendentes e contraditórios significados, porque o mundo não é uma inércia adormecida, o mundo não é uma lesma que tomou Lexotan, o mundo é uma coisa vigorosa”.

Mário Chamie desempenhou, ainda, funções públicas como a de Secretário da Cultura do Município de São Paulo (1979-1983), tendo inaugurado o Centro Cultural São Paulo. Atuou em televisão (Programa Dimensão 2. TV. Cultura) e rádio (Programa 50 por 1. Rede Record). Foi membro da Academia

1. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/Depoimento_Mario_Chamie_1256675522.pdf>.

Paulista de Letras. Exerceu o magistério na Escola Superior de Propaganda e Marketing, desde 2004 até a proximidade da morte, ministrando a disciplina de Comunicação Comparada.

POEMAS

A seguir apresentamos quatro poemas de Mário Chamie. Os dois primeiros foram publicados em *Lavra Lavra*, e indicam um vetor ao mesmo tempo de inovação formal e preocupação com as temáticas sociais.

Lavra Dor

I

*Lavra: onde tendes pá, o pé e o pó,
sermão da cria: tal terreiro.*

*Dor: Onde tenho pó, o pé e a pá,
quinhão da via: tal meu meio
de plantar sem água e sombra.*

*Lavra: Onde está o pó, tendes cãibra;
agacho dói ao rês e relva.*

*Dor: Onde, jaz o pó, tenho a planta
do pé e milho junto à graça
do ar de maio, um ar de cheiro.*

*Lavra: A planta e o pé, o pó e a terra;
o mapa vosso; várzea e erva.*

II

Dor: Onde o ganho alastra eu perco.

*Perde o mapa a cor, fina réstia
de amanhã em nós, nossa rédea
de luz lastro em casa, o raso
nosso e a fome clara verga
o corpo onde o ganho alastra.*

Lavra: A planta e o mapa, pó e safra

Dor: Onde a morte perde, em ganho.

*Ganha a casa amor, o pouco
de amanhã em nós, já redobro
de paz aura em casa, o raso
nosso e a fome cava cede
no corpo, onde a morte perde.*

*Lavra: Mapa vosso, várzea e erva,
domingo e sol um voo narra.*

III

*Dor: Onde é a mó, mais moeda má,
ardendo, ardente ira, nós,
o veio, nosso sangue, vaza.*

Lavra: Mapa vosso, várzea e safra.

Dor: Onde é o pó, cultivo raia.

*Pó arroz outona. Acelera
o sol não o voo mas a raiva
nossa, lenta mó que esmaga
a lavra a dor, a mão e o calo.*

*E orando, aramos, sem sombra,
se arados somos
no valo.*

Plantio

Cava

então descansa.

*Enxada; fio de corte corre o braço
de cima*

e marca: mês, mês de sonda.

Cova.

Joga,

então não pensa.

*Semente; grão de poda larga a palma
de lado*

e seca; rês, rês de malha.

Cava.

Calca

e não relembra.

*Demência; mão de louco planta o vau
de perto*

e talha: três, três de paus.

Cova.

Molha

e não dispensa.

*Adubo; pó de esterco mancha o rego
de longo*

e forma: nó, nó de resmo.

Joga.

Troca,

então condena.

*Contrato; quê de paga perde o ganho
de hora*

e troça: mais, mais de ano.

Calca.

Cova:

e não se espanta.

*Plantio; fé e safra sofre o homem
de morte*

e morre: rês, rês de fome

cava.

Agiotagem

Um

Dois

Três

o juro: o prazo

o pôr / o cento / o mês / o ágio

p o r c e n t a g i o.

dez

cem

mil

o lucro: o dízimo

o ágio / a mora / a monta em péssimo

e m p r é s t i m o.

muito

nada

tudo

a quebra: a sobra

a monta / o pé / o cento / a quota

h a j a n o t a

agiota.

Siderurgia S.O.S.

*Se der o ouro sidéreo opus horáriO
Sem sol o sal do erário saláriO*

*Ser der orgia semistério o empresáriO
Siderurgia do opus o só do eráriO*

*Se der a via do pus opus erradO
Se der o certo no errado o empregadO*

Se der errado no certo o empregáriO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAMIE, Mário. Lavra dor e plantio. In: **Lavra lavra**. São Paulo: Massao Ohno, 1962.

_____. Agiotagem e siderurgia S.O.S. In: **Indústria**. São Paulo, Mirante das Artes, 1967.